



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CORPO SUBVERSIVO: A POÉTICA DO SENSÍVEL NA EDUCAÇÃO POPULAR

RAFAEL LEMOS DE BARROS

Rio de Janeiro, 2021

RAFAEL LEMOS DE BARROS

CORPO SUBVERSIVO: A POÉTICA DO SENSÍVEL NA EDUCAÇÃO POPULAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de licenciado em dança.

Orientadora: Prof.^a Ma. Letícia Pereira
Teixeira

Coorientador: Prof.^a Dra. Ruth Silva
Torralba Ribeiro

Rio de Janeiro, 2021

AGRADECIMENTOS

Um processo de escrita, mesmo que solitário, nunca se dá isoladamente. Aqui, visei mostrar uma trajetória íntima, profunda e até mesmo violenta, onde o corpo foi o principal agente de comunicação. Com todos os porquês contra mim, consegui encontrar pessoas que acolheram meu corpo desviante e meus pensamentos degradantes, a maioria desses seres foram mulheres, que aceitaram guerrear junto comigo, mostrando que são verdadeiras Amazonas¹, lutando contra as opressões do sistema patriarcal e capitalista. Logo após um momento muito complicado da minha vida, encontrei a professora a Ma. Letícia Teixeira que acolheu toda a minha loucura corporal, sem julgamentos nem olhares “tortos”, sendo um dos pilares fundamentais no meu processo de formação em Dança na UFRJ, já que uma forma indireta, sempre me incentivou a seguir minhas pesquisas no corpo decolonial e subversivo. Em 2016.2 fui convidado por Letícia para fazer parte do seu projeto intitulado “Prática de Si” e desde então, venho desenvolvendo pesquisas acerca do corpo sensível, filosófico e pedagógico, formando cinco anos de parceria, além de tê-la escolhido para me orientar nestes escritos.

A Dra. Ruth Silva Torralba Ribeiro, terapeuta corporal, psicóloga e minha coorientadora e, que em vez de analisar minha mente, colaborou com a progressão do meu corpo rebelde e fora da curva, me fazendo entender que o lugar do corpo não é a na linearidade, e sim nos questionamentos da matéria, já que o corpo perece e desemboca no fim do recomeço.

Na minha caminhada como performer independente, tive a ajuda da minha amiga e irmã Antonella Bracho, mulher negra, Produtora Cultura e atriz, que produzia meus trabalhos e juntos, driblamos o racismo velado dentro do espaço da arte, dividindo a resistência e atuando na linha de frente de forma questionadora, sensível, animalesca e formando sempre nosso corpo sem órgãos.

¹ Na mitologia grega, as Amazonas eram guerreiras, donas de armas, cavalos e com uma estrutura social própria. Foram imortalizadas na maioria das lendas por sua coragem de luta quando enfrentavam os homens que tentavam submetê-las. Independentes, viviam em ilhas ou perto do mar e frequentemente recebiam visitas de aventureiros. Algumas engravidavam deles, mas somente ficavam com as filhas. Os filhos eram entregues ao pai. Segundo uma lenda, as Amazonas eram filhas de Ares, deus da guerra, de quem teriam herdado a audácia e a coragem. (BELO HORIZONTE, 2011)

Para deixar a minha caminhada acadêmica mais leve, tive ajuda de três amigas, que sempre que eu me sentia um peixe fora d'água, me diziam para continuar, pois o ambiente acadêmico precisava de pessoas subversivas como eu. São elas: Beatriz Guedes Veneu (Bacharelada em Teoria da Dança), Larissa Medeiros (Licenciada em Filosofia, UFRJ) E Thainá Farias (Bacharelada em Teoria da Dança, UFRJ).

Para eu conseguir chegar até aqui, tive a ajuda dos meus padrinhos Fernando Rodrigues Amaro e Sandra Gonçalves Amaro, que aos nove meses de idade, me apadrinharam, me tiraram da precariedade física, mental, financeira e educacional. Eu vim de uma família extremamente pobre, oriunda da Favela da Vila Cruzeiro, Complexo da Penha, RJ. Mesmo ainda tendo contato com a minha família, eu não teria condições financeiras nem mentais de continuar minha caminhada humana, pois talvez, eu teria me tornado mais um jovem negro e favelado inserido nas estáticas da miserabilidade e analfabetismo. Só tenho uma imensa gratidão a todos que me ajudaram a chegar até aqui.

Depois de ouvir Drika Barbosa, mulher negra e rapper paulista, aprendi que é preciso estar sempre disposto a lutar e criar caminhos de superação. Na letra da música Camélia, ela diz:

Só eu sei o que eu passo, pisei nesses cacos
Sangrei nesses passos mas aprendi
Guiar meu instinto, criar os caminhos
Que não me machuquem mais
Não sou mais escrava do mundo
Não sou mais refém desse mundo (BARBOSA, 2018, p.1).

RESUMO

Investigando os danos causados pela colonização do Brasil, dada em 1500, findando na escravização dos povos africanos no século XVI, onde o primeiro navio negreiro chegou na Bahia em 1535, os escritos abaixo, seguem relatando de maneira cartografia e histórica, a maneira corrosiva que o pacto entre a branquitude, excluiu formas de saberes que não contribuem com suas expectativas. O autor do projeto de escrita que se segue, é uma pessoa negra e que já teve processos envolvendo a vulnerabilidade de sua saúde mental, logo, sentiu em sua pele, o processo de exclusão, mesmo que inconsciente. *“O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes, sangra (Kilomba, 2008, p.1).”* Os caminhos da colonização não ficaram restritos apenas às questões étnicas, mas também das maneiras de comportamentos que eram vistos como animais, beirando ao que denominavam de “aberração”, ou até mesmo “demoníaco”, fugindo assim, da racionalidade patriarcal, branca e elitizada, ocasionando inúmeros processos de genocídios e epistemicídios do que não considerada “claro” para ser entendido.

Acerca da poética dos corpos marginalizados, com uma perspectiva subversiva, trago por meio da dança e da performance particularidades subjetivas que se destacam em meio às padronizações do existir, não sucubindo a maquinização dos gestos. Olhando pelo campo artístico-pedagógico, essa escrita fomenta a não opressão das subjetividades que na maior parte do tempo, foram vistas como “menores” pela construção do corpo no mundo Ocidental em que estamos abarcados.

Palavras-chave: Corpo. Subversivo. Sensível. Poética. Cartografia. Decolonização. Educação Popular.

ABSTRACT

Investigating the damage caused by the colonization of Brazil, given in 1500, ending in the enslavement of the African peoples in the sixteenth century, where the first slave ship arrived in Bahia in 1535, the writings below, continue reporting in a cartography and historical way, the corrosive way that the pact between whiteness, excluded forms of knowledge that do not contribute to their expectations. The author of the following writing project is a black person who has had processes involving the vulnerability of his mental health, so he felt in his skin the process of exclusion, even if unconscious. *"Colonialism is a wound that has never been treated. A wound that always hurts, sometimes infects, and sometimes bleeds (Kilomba, 2008, p.1)."* The paths of colonization were not restricted only to ethnic issues, but also to the ways of behavior that were seen as animalistic, bordering on what they called "aberration", or even "demonic", thus fleeing patriarchal rationality, White and elitized, causing numerous processes of genocide and epistemicides than not considered "clear" to be understood.

About the poetics of marginalized bodies, with a subversive perspective, I bring through dance and performance subjective particularities that stand out in the midst of the standardizations of existing, not succumbing to the machination of gestures. Looking at the artistic-pedagogical field, this writing fosters the non-imposition of subjectivities that most of the time, were seen as "minor" by the construction of the body in the Western world in which we are encompassed.

Keywords: Body. Subversive. Sensitive. Poetic. Cartography. Decolonization. Popular Education.

..

RÉSUMÉ

Enquêtant sur les dommages causés par la colonisation du Brésil, donnée en 1500, se terminant par l'asservissement des peuples africains au XVI^e siècle, où le premier navire négrier arriva à Bahia en 1535, les écrits ci-dessous continuent de rapporter, de manière cartographique et historique, la manière corrosive dont le pacte entre les blancs a exclu des formes de savoir qui ne contribuent pas à leurs attentes. L'auteur du projet d'écriture qui suit est une personne noire qui a déjà eu des processus impliquant la vulnérabilité de sa santé mentale, il a donc ressenti le processus d'exclusion dans sa propre peau, même inconsciemment. *«Le colonialisme est une blessure qui n'a jamais été soignée. Une blessure qui fait toujours mal, parfois infecte, parfois saigne (Kilomba, 2008, p.1)»* Les voies de la colonisation ne se limitaient pas seulement aux questions ethniques, mais aussi à des comportements perçus comme animaliers, à la limite de ce qui ils ont qualifié d'«aberration», voire de «démoniaque», fuyant ainsi la rationalité patriarcale, blanche et élitiste, faisant comprendre d'innombrables processus de génocides et d'épistémicides de ce qui n'était pas considéré comme «clair».

Sur la poésie des corps marginalisés, avec une perspective subversive, j'apporte par la danse et la performance des particularités subjectives qui se détachent au milieu des modèles de l'existence, ne succombant pas à la maquinisation des gestes. En regardant le champ artistique et pédagogique, cette écriture favorise la non-oppression des subjectivités qui, la plupart du temps, ont été considérées comme «mineures» par la construction du corps dans le monde occidental dans lequel nous sommes couverts.

Mots-clés : Corps. Subversif. Sensible. Poétique. Cartographie. Décolonisation. Éducation populaire.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CORPO OCIDENTAL	15
1.1 CORPO SUBVERSIVO	18
2 POR UMA SABEDORIA DECOLONIAL	22
3 A EDUCAÇÃO POPULAR COMO ATO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	27
3.1 CORPO-TECIDO: CORPORIZANDO SENSações	35
4 CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	40

LISTA DE FIGURAS

Figura I: Retrato da “Escrava Anastácia”	25
Figura II: “Corpo-casa-papel” (Letícia Teixeira).....	29
Figura III: “A poética do fluxo celular: redescobrimo o corpo” (Clarissa Monteiro e Elaine Canedo).....	30
Figura IV: “Corpo-Tecido” (Anne Loise e Rafael Barros)	30
Figura V: “Corpo-Cena” (Bruno Alarcon e Luiz Fernando Picanço).....	31
Figura VI: Projeto Prática de Si e ONG Apadrinhe um Sorriso, 2019	34
Figura VII: Oficina “Corpo-Tecido” (Anne Louise e Rafael Barros).....	37

INTRODUÇÃO

A minha pesquisa está atrelada às vivências do meu corpo, que foram ganhando plasticidade na arte performática, me incitando a criar uma escrita-relato, inspirando assim, os modos de atuar na cena e no convívio com meu corpo. Pensando na performance, como o desembocar das indefinições e até mesmo no aprofundamento do verborrágico, trago também um trecho do texto “Performance e precariedade”, que está contida no livro *A performance ensaiada: Ensaaios sobre performance contemporânea*, onde Eleonora Fabião faz uma reflexão sobre a trajetória da artista visual Lygia Clark, onde a mesma cria a noção de *objetos relacionais*, pesquisa que começou quando em 1973 Clark passou uma temporada dando aulas em Paris, na Universidade de Sorbonne, utilizando materiais como sacos plásticos, pedras, ar, água, conchas, entre outros. A partir destas pesquisas, Fabião lança sua proposta costurada no precário, pensando na performance como uma estratégia psicofísica. Eleonora, então diz:

Performers são poetas que investigam, criam e disseminam precários: a precariedade do sentido (que deixa de ser preestabelecido e fixado para ser condicional, mutante, performativo), a precariedade do capital (cuja supremacia é desbancada e a pobreza exposta), a precariedade do corpo (que, longe de ser percebida como deficiência, é utilizada como potência) e a precariedade da arte (que se volta para o ato e para o corpo). Performers valorizam a precariedade num contexto moral que a condena como debilidade e deficiência, num contexto psicossocial que a associa exclusivamente com tristezas e penúrias. Um contexto cultural que perversamente determina que a precariedade - e não a ditadura do capital, o fechamento do sentido ou o corpo colonizado - é justo o oposto da vida. Como Clark esclarece, o precário não é um vilão a ser combatido - assim como o capital e os modos de conhecimento positivistas fazem supor - mas é potência e pode tornar-se meio de criação e modo de produção (FABIÃO, 2011, p. 65-66).

Enquanto a sociedade turva a visão para não podermos analisar as problemáticas, a performance vem, e escancara todas as mazelas. No ano de 2015, fui diagnosticado com depressão, meu corpo não era mais o mesmo, não era mais útil pra sociedade, não seguia uma linha reta. Tomava remédios que me deixavam apático, meu psiquiatra quis me internar, tirando meu convívio social, já que eu não era uma pessoa dita “normal” para conviver com corpos “saudáveis”; resisti, não fui a

lugar nenhum e decidi que não iria ingerir nenhum medicamento. Em 2016 ingressei na graduação em Dança na UFRJ, para o aprofundamento do estudo corporal e da arte performática. Foram as aulas de Corporeidade, no primeiro período, com a professora Letícia Teixeira, que descobri que o contato profundo com o meu corpo e o respeito dos meus limites, me colocavam no lugar de aceitação de mim mesmo. Logo em seguida, entrei no projeto de Programa de Iniciação Artística e Cultural (PIBIAC): *O Despertar da Sensibilidade Corporal: por uma Prática de si* (,) atualmente Prática de si, coordenado pela professora acima citada, onde há cinco anos trabalhamos com a sensibilidade corporal, através do cuidado de si e da concretude do corpo. Desde então, às vezes até me pergunto se é necessário chegar a algum lugar. Será que o corpo adoce porque lhe é tirado o lugar das descobertas, onde a liquidez da sociedade de consumo tira o corpo do seu lugar de origem: o da criação? . O lugar do corpo na sociedade contemporânea é uma incógnita. Lugar sensível ou do fazer mecânico? Cada indivíduo possui suas particularidades, desejos e expansões, mas a cada vez estamos deixando-as para trás, onde a subjetividade de cada ser está virando uma só. Para ser coletivo, é importante primeiramente inquietar-se consigo. Em paralelo com o pensamento anterior, transfiro para essa citação, o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, *“Há sempre um coletivo mesmo se está sozinho, e, no entanto, nada passa, nada circula, ou logo impede a sua circulação (DELEUZE; GUATTARI, 1980).”*

Em uma sociedade com emoções necrosadas, a inquietação gera movimentações, que podem nos tirar do caminho retilíneo. Caso seu corpo queira mudar de rumo, ou/e não queira seguir um padrão, ele é julgado, depredado e visto como inútil.

Durante a minha passagem na graduação em Dança na UFRJ, pesquisei em paralelo com a educação do corpo, a arte da performance, o lugar da exposição do corpo, o lugar do desenvolvimento do sensível e dos desdobramentos. *“Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau — grau que corresponde às intensidades produzidas. Ele é a matéria intensa e não formada, não estratificada, a matriz intensiva, a intensidade circulação. (DELEUZE; GUATTARI, 1980).”*

Em um segundo momento, em paralelo com as inquietações com da disciplina “Literatura e Dança”, ministrada pela docente Maria Ignez Calfa, na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD), no Departamento de Arte Corporal (DAC), situadas na (UFRJ), nasce a temática Corpo Subversivo, em correlação com as reflexões dos corpos que se encontra a margem. A partir da leitura do conto “A Terceira Margem do Rio”, do livro “Primeiras Estórias”, de João Guimarães Rosa, a pesquisa do corpo poético e questionador começa a ganhar forma. A pesquisa surge através da imersão na leitura poética de João Guimarães Rosa, visando a cartografia dos afetos, onde surge o envolvimento com as escritas de Suely Rolnik e também o pensamento do Corpo sem Órgãos, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. O Corpo sem órgãos não é um corpo sem vísceras, mas sim um corpo poético que sempre está driblando a organicidade estrutural social.

Desmembrando as perspectivas, pensadoras negras decoloniais, também foram de suma importância para o caminhar desta escrita, tais como Grada Kilomba, Djamila Ribeiro e Bel Hooks. Para desenvolver o pensamento da educação como ato libertador, Paulo Freire vem tecendo a escrita que se dá. Esta pesquisa possui a necessidade de se pensar o resgate da sensibilidade na sociedade ocidental e contemporânea.

Precisamos dar lugar a homogeneidade, onde sejam consideradas as múltiplas formas de expressões, mas infelizmente, na prática, quando fugimos do dito “padrão”, estamos dispostos a caminhar sem rumo, invisibilizados pelos demais. Além de tudo, o tema aqui abordado, é uma cartografia pessoal, feita por vivências do autor, dentro de espaços sociais e educacionais, que focavam na reintegração de corpos esquecidos. A prática do cartógrafo é aqui extremamente política (ROLNIK, 1989).

As ideias aqui abordadas visam trazer as experiências do autor dentro da educação popular e social, cujo a conjuntura levou a tal reflexão, já que os trabalhos de arte-educação se deram juntamente com o projeto de iniciação artística e cultural Prática de Si (DAC/UFRJ), em parceria com a ONG Apadrinhe um Sorriso, situado dentro da comunidade Parque das Missões, em Duque Caxias, na Baixada Fluminense da cidade do Rio de Janeiro. Normalmente, o corpo presente dentro das favelas, são corpos que resistem ao esquecimento e à negação corpórea sensível.

O objetivo desta escrita possui o desejo de atingir corpos marginalizados e fora dos padrões construídos durante anos pela sociedade, descolonizando assim, o pensamento. O mais importante é mover, deixar cada corpo expressar sua vertente criativa, e única, não querendo chegar a nenhum modelo. Diálogos entre corpos distintos também foram importantes para o rumo construtivo desta pesquisa, observando as dores que não cessam e entendendo a necessidade de cada corpo. Basicamente, o corpo subversivo é ativar a poética perdida.

Trago o pensamento de Corpo subversivo, fazendo uma crítica à formação do corpo ocidental, corpo este que não pode se expressar subjetivamente, tendo que sempre se encaixar em modelos preestabelecidos, e caso isso não aconteça, é prejudicado e discriminado. A marginalização dos corpos que não estão no padrão, me fez chegar ao tema aqui abordado, pois na verdade todos os corpos são revolucionários a sua maneira, tendo seu próprio tempo e processos, contudo as particularidades não são respeitadas, criando corpos doentes e afastados de si.

1 CORPO OCIDENTAL

A noção do corpo criada pelo Ocidente, não nos cabe mais ser dirigida e nem levada adiante, já que, existem barreiras que impedem que outras discussões corpóreas sejam abordadas. Citaremos aqui, brevemente, o pensamento de Arístocles² (verdadeiro nome de Platão), cujo acreditava que só poderíamos atingir a perfeição, através do mundo das ideias e do logos/razão, negligenciando os sentidos, onde apenas o mental deveria ser trabalhado e desenvolvido. Talvez exista uma dicotomia no pensamento universal de Platão, já que nos processos anatômicos, o cérebro também é um segmento do corpo humano.

Refletindo de forma ampla, se comparamos a razão ao cérebro, interligado ao poder da mente, não deveríamos descartar as suas inserções dentro do corpo. Pensar não nos dá o caminho da retidão, já que para se chegar a um único raciocínio, precisamos passar por tantos outros, formando assim, códigos distintos, que sempre estão se reconstruindo.

Não queremos aqui negar a importância de Platão para a filosofia Ocidental, nem tão pouco, excluir a contribuição do seu pensamento, contudo, precisamos analisar de forma profunda, o seu legado dominante no fazer racional da sociedade em que estamos imersos. Quando atingimos as camadas abissais sociais, observamos que existem uma grande escala de corporeidades, que vão se formando dentro de bolhas muito bem estruturadas e que a seleção de quem irá “se dar bem” na vida é bem selecionada. Platão em uma das suas teorias, afirma que o espírito é bom, e a matéria é má, logo, sendo de influência primordial para a Igreja Católica na Idade Média em meados do século XII, dando nascimento ao Cristo platonismo, cobrindo a sociedade com o manto do pecado, causado pelos prazeres da carne.

² Nascido provavelmente em 427 antes da era cristã, Arístocles ganhou o apelido de “Platão” devido a algum traço físico característico. Em grego, esse termo deriva de um adjetivo que indicava algo plano, chato. É provável que o apelido tenha sido dado ao Arístocles por causa do formato da sua cabeça ou do seu corpo, que, segundo alguns, era um pouco achatado. Platão descendia de uma família de aristocratas de Atenas e foi um dos mais importantes filósofos de todos os tempos.

As pessoas têm a liberdade de escolherem qual caminho religioso seguir, mas isso não quer dizer, que elas podem ditar regras ou excluir aqueles que decidiram criar outros rumos. Em uma sociedade extremamente católica e germinada através da punição, corpos que seguem trilhas não coniventes com a ordem histórica, são considerados como "demoníacos", entre outras designações extremamente preconceituosas e separatistas. Nos enterramos na sociedade da autopiedade e dos rituais contínuos de exorcismo, negligenciando tudo aquilo que se manifesta através do sensível.

Percebemos que mesmo com toda a modernização social, nosso pensamento continua preso há dois mil atrás, naufragado no lodo da reminiscência do período da Grécia Clássica, respingando assim, na nossa maneira de agir. Platão é um dos filósofos mais importantes para a construção do pensamento do mundo Ocidental em que estamos inseridos, onde, o mesmo percebeu que havia dois mundos: O mundo Inteligível (das ideias) e o Sensível (das representações) e a partir disso, inconscientemente, vivemos na negação do corpo tangível, buscando sempre alcançar metas irreais, aniquilando a noção das distintas realidades de mover. O filósofo grego valoriza acima dos sentidos, o raciocínio puro, que é captado pelo intelecto, em outras palavras, o verdadeiro conhecimento (MAIRINQUE, 2003).

Retornando ao processo de construção das subjetividades do mundo ocidental atual, podemos observar, uma negação das faculdades sensíveis, ocorrendo a repulsa da sensibilidade, sendo a mesma vista como fraqueza ou desvantagem perante os ditos mais "fortes". A racionalidade é colocada como superior, tornando a vida cotidiana uma eterna competição, e é claro, que vença o "melhor" e o mais "inteligente". Nesse mar de competitividade selvagem pelo capital, para onde vão os ditos menos favorecidos da virilidade? Para os hospitais psiquiátricos pela falta de inteligência racional e emocional?

Para os subempregos por conta das poucas oportunidades de se desenvolverem em um bom ensino que os induzem ao pensamento crítico? Podemos dizer que todos os questionamentos citados acima estão corretos, pois é só observarmos, em uma realidade não tão distante, o cotidiano do povo brasileiro, entregue a miséria e a baixa escolaridade, tornando-se assim, o dito país

subdesenvolvido do terceiro mundo, sendo assim, uma população entregue a vulnerabilidade, a marginalização e sendo corroída pelas “traças”.

1.1 CORPO SUBVERSIVO

Todo corpo está de alguma forma praticando atos subversivos, já que cada ser possui sua própria potência subjetiva e criativa, estando assim, ocupando uma forma única no espaço.

Na sociedade contemporânea e capitalista em que estamos inseridos, quais são os padrões corporais que devemos seguir para estar no centro? Normalmente, para ser socialmente aceito, é preciso seguir protocolos comportamentais, mentais, emocionais, econômicas, entre outros, que são impostos, na maioria vezes, por uma elite branca, rica e masculina, que detém das bases de conhecimento, sendo assim, ditadores das regras socialmente impostas. Mas será que todos se encaixam nessas bases comportamentais? Claro que não! É necessário subverter através da nossa presença corpórea.

No Minidicionário Soares Amora, subversivo é aquele que prega ou executa atos visando a transformação ou derrubada de ordem estabelecida, sendo assim, revolucionário. O Corpo subversivo é um corpo latente, revolucionário e sensível. Subversivo também pode estar entrelaçado à palavra Margem, possibilitando que antes de mergulharmos no centro, fixemos nossos olhares nos detalhes das circunferências.

Observar é o ato prudente para reconhecer nossas estranhezas, dores e deformidades causadas pelas experiências da vida, que nem sempre são agradáveis. As memórias corporais podem nos sufocar, mas é necessário buscar a margem que nos asseguram nos momentos mais angustiantes. Antes de ser centro, somos margem! Sofri o grande frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falecimento?

Em Primeiras Estórias, João Guimarães Rosa, em muitos trechos que soam angustiantes, nos mostra que é impossível brechar as avalanches torrenciais que percorrem o ser vivo. A canoa que sai da margem em direção aos caminhos indecifráveis do rio, antes de qualquer ação, mostra que a dor irá nos arrebatrar a qualquer momento. Perseguir o esclarecido a todo instante é uma falácia, já que

nosso corpo é feito de instantes. Tirar o véu que cobre a dor é importante para observarmos quais partes foram molestadas.

Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então. Ao menos, que, no, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não para, de longas beiras: e eu, rio abaixo, rio a fora rio a dentro – rio (ROSA, 1962, p.82)

Corpo subversivo é um tema que surge através da experiência do corpo sensível, misturando práticas em dança, artes performáticas e visuais. O trago como o corpo que deveria estar a todo o momento sendo desmembrado pelas vivências, e não se encaixando em padrões enrijecidos e normativos. *“No entanto, na maioria das vezes, ele é obrigado a viver em organizações preestabelecidas, perdendo sua potência de transmutação, ou seja, tornam-se corpos esvaziados em lugar de plenos (DELEUZE & GUATTARI, 1980).”*

O corpo subversivo também é cartográfico, pois ele não é pré-determinado, sempre sendo *modificado* pelos baques da existência. O cartógrafo para Suely Rolnik é um antropófago e para ele percorrer múltiplos espaços, é necessário atingir seu lado mais sensível, trazendo o pensar da pele, onde ele poderá receber diversos estímulos. Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência; não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo (ROLNIK, 1989).

É importante entender o corpo subversivo como um lugar político, além de sempre resistir às tentações do enquadramento social. É impossível explorar outros lugares, fugindo de pensamentos limitantes e julgadores, ativando o corpo subversivo que visa quebrar com as barreiras humanas, sempre ativando camadas inativas e necrosadas; corpo-escuta.

O corpo subversivo também visa abordar olhares sobre a poetisa negra e marginalizada Stela do Patrocínio. Destacando a importância da luta antimanicomial e mostrando a reverberação criativa do corpo “louco” e desviante, permeio nos escritos poéticos de Stella do Patrocínio. Stella, mulher negra, pobre, periférica e diagnosticada com esquizofrenia aos 20 anos de idade, ficou internada em hospitais psiquiátricos por 30 anos, sendo 26, passados na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, Zona Oeste-RJ, onde hoje está situado o Museu Bispo do Rosário. O

livro “Reino dos bichos e dos animais é meu nome”, organizado por Viviane Mosé, que reúne os poemas de Stella, o psiquiatra Ricardo Aquino contribui com escritos no prefácio criticando o sistema asilar, além de concluir em conversas externas, que Stella do Patrocínio foi sequestrada quando andava na rua, por ser “nega, preta e crioula”, como se tivessem o direito de governá-la. As ações que a institucionalizaram foram responsáveis por seu adoecimento e por tratá-la como indigente.

Na época de Stella, por volta dos anos 60, os pacientes psiquiátricos passavam por tratamentos desumanos, como uso de camisas de força, lobotomias, além de inúmeros maus tratos. Através da escrita e da poética, Stella encontra um refúgio para o aprimoramento de si, sendo considerada como uma das mais lúcidas entre os internos, por simplesmente não aceitar as condições em que estava inserida, indo contra a qualquer protocolo que queriam inserir.

Os poemas de Stella eram baseados no que ela via, sentia e vivenciava, sendo basicamente uma cartógrafa sensível, além do seu corpo subversivo estar sempre em constante movimento poético (Stella era mais sã que muita gente). Enquanto o sistema tentou excluir Stella, por meio de sua poética, muitas vezes nada agradável, a mesma mostrou que tem voz, mas não pela fala, mas sim pelo seu corpo que incitava sua escrita profunda e única. Em setembro de 2020, Anna Carolina Vicentini Zazcharias, doutoranda em Teoria e História Literária na Unicamp, escreve para a Revista Cult sobre Stella e diz que a ouvir é aliar-se à luta antimanicomial, aos movimentos negros e feministas contra o memoricídio, contra as violências estatais e contra o aprisionamento em massa de pessoas negras em um país sordidamente racista.

É dito: pelo chão você não pode ficar
Porque lugar de cabeça é na cabeça
Lugar de corpo é no corpo
Pelas paredes você também não pode
Pelas camas você também não pode ficar
Pelo espaço vazio também não vai poder ficar
Porque lugar de cabeça é na cabeça
Lugar de corpo é no corpo (PATROCÍNIO, 2009, p. 44).

Ressalto aqui que o corpo subversivo é a solução para uma sociedade “doente”, debruçada em antidepressivos e relações distantes e superficiais, pois o objetivo do subversivo é resgatar a poética da sensibilidade.

2 POR UMA SABEDORIA DECOLONIAL

A grande dicotomia nas diretrizes existentes que se dão pela descolonização dos desejos, é a grande probabilidade de cairmos da temida marginalização que muitos abominam, porque desviamos da racionalização direta que nos é imposta.

A cada regime, a cada contexto histórico, a cada tipo de sociedade corresponde um modo de funcionamento da subjetividade. É a subjetividade que dá à carne a consistência desse regime. O que estou tentando demonstrar, em primeiro lugar, é que este funcionamento subjetivo é político, e porque é que é político? Porque é a base existencial de um sistema epistemológico, histórico, cultural(...)Não se pode transformar, por exemplo, a distribuição de direitos dentro deste sistema, que é o objetivo da macropolítica, sem transformar também o tipo de subjetividade que lhe corresponde: porque se as coisas se movem apenas em um nível sem se movimentarem no outro, acabam voltando ao mesmo lugar(...)O capitalismo está conseguindo colonizar o planeta como um todo; é um regime em que não podemos mais nos reconhecer. Em nossa experiência coletiva como sujeitos, que tem a ver consigo mesmo, com a vontade, com a consciência, com a experiência que se estrutura de acordo com um repertório cultural: trata-se da experiência do mundo como um conjunto de formas, de códigos, de cenários, de personagens, de uma certa distribuição de acesso a direitos. (ROLNIK, 2019, p.1)

Para analisarmos as desigualdades que estão enraizadas na sociedade brasileira, é necessário investigar as estruturas passadas, principalmente as do pensamento, que vão atingir diretamente o modelo educacional, ocasionando a desqualificação dos pobres. Citaremos aqui a visão filosófica do século XIX, que será importante para analisarmos a separação do pensamento, focando na chamada “virada do século”, que o ocasionará a mudança do Império para a República, ocorrendo uma transformação no caminhar da sociedade brasileira, tendo influência do pensamento europeu. É necessário frisar aqui, que possuímos uma conexão muito forte com as ideias implementadas pelo homem branco e da elite, que exclui outras formas de saberes, formando uma sociedade patriarcal e racista, construída por pela visão uniforme da existência, onde subjetividades distintas não são consideradas. Com a minha trajetória dentro da educação social, em comunidades carentes, percebo que os corpos não-brancos, são os mais atingidos pelas desigualdades, tanto monetárias quanto intelectuais.

No início do século XIX, adentramos no chamado mundo moderno, influenciado pela filosofia positivista, onde se era importante focar no pensamento lógico e científico. A ciência tem um papel fundamental na progressão social, contudo, quem estava embarcado na intelectualidade? Será que a população negra, por via, estava inserida nas pautas sociais? A princípio não, pois os viam como cidadãos não atuantes, quiçá serem incluídos no chamado mundo moderno, pois ainda eram vistos como irracionais.

O movimento abolicionista não foi exceção à regra; pautado pelo lema liberal da "liberdade, igualdade, fraternidade", seu caráter humanitário não passou de aparência: "promovida principalmente por brancos, ou por negros cooptados pela elite branca, a abolição libertou os brancos do fardo da escravidão e abandonou os negros à sua própria sorte". No curso da República Velha, a "máquina de compressão das liberdades públicas" foi incansável. Inicialmente no bojo da luta pelo poder entre presidentes militares e parte da elite que precisava da autonomia dos estados e, pouco depois, como resposta oficial aos movimentos de trabalhadores, a decretação do estado de sítio foi prática corrente de sucessivos presidentes que suprimiram as leis ordinárias e submeteram o país ao regime de guerra sempre que encontraram oposição aos interesses que representavam. (PATTO, 1999, p.191)

A colonização trouxe grandes mudanças para o caminhar do Brasil, contudo, saberes foram excluídos, como os dos povos originários e dos negros trazidos da África. Neste tópico, falaremos da intelectualidade negra, trazendo mulheres que atuam diretamente na base do pensamento antirracista e decolonial, quebrando com o pacto da branquitude, como diz a filósofa Djamila Ribeiro. Imagine se nas escolas, fosse introduzido o debate acerca destas pensadoras negras, pequenas leituras de reflexão, o quanto que os jovens negros se sentiriam incluídos e teriam vontade de continuar estudando, percebendo que o mundo de pensamento também é feito para eles.

A pensadora e feminista negra Lélia Gonzalez nos dá uma perspectiva muito interessante sobre esse tema, porque criticava a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população. Ou seja, reconhecendo a equação: quem possuiu o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e, assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento. Segundo a autora, o racismo se constituiu "como a 'ciência' da superioridade eurocristã (branca e patriarcal)." Essa reflexão de Lélia Gonzalez nos

dá uma pista sobre quem pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são. (RIBEIRO, 2017, p.16).

É importante lembrar, que quando falamos de decolonialismo, antes de tudo, abordamos questões que ainda não foram sanadas pelos respingos corrosivos da colonização. Diferentemente da palavra descolonização, que tem a conotação de que o pacto da branquitude foi resolvida, o ato decolonial é um processo feito para o resto da vida

Por sua vez, a expressão “decolonial” não pode ser confundida com “descolonização”. Em termos históricos e temporais, esta última indica uma superação do colonialismo; por seu turno, a ideia de decolonialidade indica exatamente o contrário e procura transcender a colonialidade, a face obscura da modernidade, que permanece operando ainda nos dias de hoje em um padrão mundial de poder. (BALLSTREIN, 2013, p.32)

Trago reflexões sobre a autoestima do corpo preto, como ele se coloca no espaço e as maneiras que ele vai desviando de todos os “troncos” que não trazem memórias benéficas. “O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes, sangra” (KILOMBA, 2008, p.1).

A pobreza não é só monetária, mas também intelectual, onde pessoas negras não conseguem bons empregos pelo alto índice de baixa escolaridade desses corpos. *“Uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes (KILOMBA, p.27,2008).”*

Até agora, citei aqui pensamentos de Grada Kilomba, mulher negra e psicanalista, que através de seus escritos têm mostrado as verdadeiras sequelas que o racismo causou no psicológico das pessoas pretas; São marcas muito mais profundas do que imaginamos, e que estão entranhadas no inconsciente, sendo causa de suicídios, já que jovens negros são os que mais tiram suas próprias vidas por nunca se verem representados pelo sistema. A importância só é dada quando o corpo preto está sendo legitimada pelo corpo branco, isso não pode ser negado, e por muitas vezes é cansativo. O silenciamento da população negra vem sendo fundamento desde o período escravocrata, como é mostrada abaixo na figura I



Figura I: Retrato da “Escrava Anastácia”

“A máscara recria esse projeto de silenciamento e controla a possibilidade de que colonizadas/os possam um dia ser ouvidas/os e, conseqüentemente, possam pertencer (KILOMBA, 2—8, p.33).”

É importante termos pessoas negras em posições que geram pensamentos, perante seus corpos na sociedade. Sigo acreditando que o objetivo da sociedade contemporânea, dominada ainda por homens brancos cis gêneros, é gerar corpos consumistas, pois as reflexões perante as desigualdades ficam de lado, e o objetivo é “ter”, não existindo parâmetros de olhar para um todo, e reforçando, assim, a dominação escravocrata moderna.

Portanto, não é sobre “quem”, mas sobre “como”. No limite, o que vem sendo desautorizado pelos ativismos do lugar de fala é um certo modo privilegiado de enunciar verdade, uma forma particularizada pelos privilégios epistêmicos da branquitude e da congneridade de se comunicar e de estabelecer regimes de inteligibilidade, falabilidade e escuta política. Não é que brancos não possam falar de racismo, ou as pessoas cis não possam falar de transfobia, é que elas não poderão falar como pessoas cis brancas: isto é, como sujeitos construídos conforme uma matriz de produção de subjetividade que sanciona a ignorância, sacraliza o direito à fala, secundariza o trabalho da escuta e naturaliza a própria autoridade. Isso significa também o fato paradoxal de que eles não poderão falar como se não fossem cis e brancos, isto é: apagando as marcas da própria racialidade e conformidade de gênero, a fim de agir como se os privilégios da branquitude e da cisgneridade não fossem coextensivos aos sistemas de opressão das vidas e vozes não brancas e trans. (MOMBANÇA, 2007, p.1).

Mas qual é a importância do lugar de fala? Lugar de fala para todos os saberes marginalizados, esquecidos e subversivos, que, no caso aqui, é para dar enfoque ao que o corpo negro tem a nos dizer. Quando falo de lugar de fala, lembro-me da oralidade, transmissão de experiências, ato comum para as tribos africanas, mas vista como menor pelos colonizadores europeus. A oralidade é vista como “indiferente”, pois não está no patamar “intelectual” denominado pelos brancos, pois o “lugar de fala” é sensorial, desviante e nada cartesiano. A fala está longe de ser reta, ela sempre será desviante, pois cada humano tem suas próprias experiências e subjetividades. O branco pode até ter oralidade, mas todas baseadas em escritos comprovados cientificamente, sendo apenas um mero lugar de reprodução de saberes intelectualizados e academicistas.

A luta negra, muito mais enfatizada pelo feminismo negro, que vem lutando há décadas para resgatar a voz dos excluídos, fazendo com que os saberes afros sejam legitimados e que possamos sair dessa lógica da supremacia branca em todos os âmbitos da vida, exclusivamente na produção dos saberes. O negro sempre foi visto como inferior por simplesmente nunca ter voz, logo, não eram dignos de produzir conhecimento. O reconhecimento e a importância do preto na sociedade ocorrerão através da intelectualização desta raça que sempre foi inferiorizada, mostrando que podem ocupar espaços de pensamento crítico.

3 A EDUCAÇÃO POPULAR COMO ATO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Baseado nos pensamentos de Paulo Freire, a escrita caminhará na base da educação popular, onde o enfoque será a encorpamento expressivo da população oprimida, que germina nas favelas. O ensino da arte e os estudos corporais possuem o objetivo de mostrar para crianças e jovens pobres que eles têm um corpo. Corpo violado e massacrado pelo silenciamento da sua autonomia de ser. Freire, adverte-nos para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização.

O diálogo e reflexão voltado para o olhar educacional da dança perante os corpos que são enxergados como “menores” e incapazes de serem incluídos nas pautas, é importante para questionar o histórico-social que acabou sendo pautado na excludência. A Folha de S.Paulo, na sua matéria em 15 de Julho de 2020, relatou que os negros são 71,7% dos jovens que abandonam a escola no Brasil. Adentrando em uma educação antirracista e transgressora, enfatizamos a questão da evasão escolar das pessoas negras que é muito maior, já que elas não se sentem incluídas no modo de como é disseminado o saber, e o projetos sociais, acabam sendo um lugar de impulso e autoestima para muitas crianças e jovens, ainda mais se o educador atuante é negro.

O Portal Géledes, 7 de Março de 2021, escreveu o seguinte texto: “Além das vulnerabilidades sociais, a discriminação racial e a falta de diálogo com o repertório da cultura negra colaboram com a evasão escolar. O índice alto de evasão desse público pode ser explicado parcialmente por um sistema educativo que não contempla a cultura e a identidade dos estudantes negros.”. Em seu livro, *Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade*, bell hooks diz que para os negros, o lecionar - o educar - é fundamentalmente político, pois tem raízes na luta antirracista. A educação perpassa por inúmeros vieses, e a produção intelectual é muito importante para propagar os saberes pedagógicos. A representatividade é o caminhar potente e consistente para a produção intelectual antirracista e decolonial, já que durante uma grande parcela de tempo, tivemos a dominação de homens brancos e da elite nas produções científicas. Na contemporaneidade, têm surgido

inúmeros registros de intelectuais mulheres e pessoas negras na construção do saber, quebrando com a dominação patriarcal no que se diz "pensamento crítico", fugindo do raciocínio higienista, e atingindo camadas mais subcutâneas do pensamento.

Por que as pessoas negras não se sentem representadas nos métodos de ensino? Por que ainda temos um número muito pequeno de educadores negros,? Por que os corpos negros ainda ocupam os subempregos, a miserabilidade e a maior taxa de mortalidade? Esses problemas são agravados pela falta de oportunidade e inclusão da população negra nos métodos de aprendizado, fazendo com que muitos abandonem a escola para se introduzirem no mercado de trabalho informal, condição demarcada pelo colonialismo.

Dentro deste parâmetro, trago como possibilidade o olhar educacional no campo pedagógico da dança, que visa emergir a consciência do corpo negro e miscigenado, focando no protagonismo, contribuindo assim, para a ruptura das desigualdades sociais. Adentrando em uma comunicação oral de relato-experiência, trago a minha passagem como arte-educador na ONG Apadrinhe Um Sorriso, localizada na Comunidade Parque das Missões, em Duque (Imagem 6) de Caxias em parceria com o Projeto de Iniciação Artística e Cultural "Prática de Si" (Imagem 6), coordenado pela professora Letícia Teixeira. O projeto citado desenvolveu uma residência artística com trabalhos de sensibilização corporal, destinados para os jovens da ONG.

A oportunidade de aplicar uma oficina, dentre tantas outras compartilhadas com meus colegas e ter convivido e desenvolvido um processo criativo entre os jovens me suscitou a reflexão aqui apresentada. Durante a minha experiência, percebi que o disseminar da arte na favela, ajuda jovens e crianças a se sentirem pertencentes criativamente e intelectualmente perante a sociedade, já que o incentivo cultural nessas regiões é bastante precário. O trabalho pedagógico na dança, é fundamental para que os jovens da periferia (em sua maioria não brancos) identifiquem suas potências corporais e subjetividades, resgatando assim, a consideração de si mesmos. O corpo antes de tudo, é o nosso lugar fixo no mundo.

A proposta de começarmos a residência, é gerada pela vontade de sair da monopolização do saber, perpassando os muros da intelectualidade universitária e,

traçando novos caminhos na ONG Apadrinhe um Sorriso. A iniciativa começou no início do período de 2019.1, pelo participante do projeto Prática de Si, Bruno Alarcon, também morador do Parque das Missões e que atua como educador de Dança-Teatro na ONG. Foram oferecidas cinco oficinas, ministradas pelos integrantes do projeto Prática de Si: *“Corpo-casa-papel”* (Letícia Teixeira - Figura II), *“Interações: entre si, o outro e o espaço”* (Elisabete Arcanjo e Muryel Dantie), *“A poética do fluxo celular: redescobrimo o corpo”*, (Clarissa Monteiro e Elaine Canedo - Figura III), *“Corpo-Tecido”* (Anne Loise e Rafael Barros - Figura IV) e *“Corpo-Cena”* (Bruno Alarcon e Luiz Fernando Picanço - Figura V). As práticas realizadas trouxeram para os jovens um novo olhar, não só do corpo, mas também sobre os espaços ocupados na comunidade. Os registros das atividades, foram feitas por Agatha Marinho, que fez parte do processo desde o início, captando os movimentos de uma forma singular.



Figura II: *“Corpo-casa-papel”* (Letícia Teixeira)



Figura III: “A poética do fluxo celular: redescobrimdo o corpo” (Clarissa Monteiro e Elaine Canedo)



Figura IV: “Corpo-Tecido” (Anne Loise e Rafael Barros)



Figura V: “Corpo-Cena” (Bruno Alarcon e Luiz Fernando Picanço)

ONGS e projetos sociais estão inseridos no que chamamos de educação popular, sendo a extensão da educação formal, oferecida pelas instituições escolares. A população favelada é a que mais sofre com a falta de investimentos educacionais, culturais e de cidadania, todavia, projetos sociais e as ONGS vêm transformando essa cruel realidade. A ONG Apadrinhe um Sorriso é uma ação social e filantrópica, idealizada e criada pela pedagoga e moradora do Parque das Missões Fabiana da Silva, a Fabbi, em dezembro de 2009, para ajudar crianças e adolescentes em risco de vulnerabilidade social da comunidade Parque das Missões, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

Foi de extrema importância sairmos das paredes fechadas da Universidade pública e espalharmos nossos saberes do corpo sensível para o público fora do ambiente acadêmico. Lembro, que tivemos que ter todo um cuidado ao caminhar pela favela, sempre juntos, para não criar alarde entre o grupo de civis armados, que a cada esquina, estavam com seus fuzis à mostra, com um certo ar de fiscalização.

Ao mesmo tempo, percebi, que ao verem que estávamos acompanhados com o Bruno, os traficantes sabiam que iríamos exercer atividades pedagógicas. O cuidado sempre começava primeiramente ao pisarmos no chão da favela, já que a minuciosidade é importante quando caminhamos em novos territórios, e o mesmo acontece com o corpo-território, oriundo de realidades distintas. Enquanto caminhava pela comunidade, várias reflexões envolviam a minha cabeça, inclusive, que a Baixada Fluminense é totalmente esquecida pelo governo e quanto mais o tempo se passava para que fosse possível chegar na ONG, percebia o descaso e aquilo, ia me causando uma profunda angústia e tristeza, porém, seguia acreditando da dança-educação como forma de ruptura do sistema opressor vigente.

A ONG se localizava no ponto mais profundo da favela, onde o chão de barro se mesclava com os precários barracos de madeira, e casas de emergências erguidas pelo TETO³. Lembro-me que durante uma das propostas de prática corporal empregada para os jovens, começou um tiroteio na comunidade, através de uma possível invasão policial, já que a comunidade Parque das Missões é considerada como uma das mais violentas de Duque de Caxias. De início, foi solicitado que ficássemos deitados no chão, e uma das alunas olhou pra mim e sussurrou: - “Já estamos acostumados!”. Entre um soluço engolido a seco, fomos solicitados a sair de dentro da ONG e seguimos entre passos largos adentrando os becos de terra batida, preenchidos por poças de lamas. Em um emaranhado de pulos e respiração ofegante, uma moradora, aparentemente “tranquila” com a situação, mas sabendo que éramos visitantes, olhou para mim, sentada em uma cadeira velha, verbalizou: - “Sinto muito por vocês estejam passando por isso!” Meus olhos foram inundados de lágrimas, indagando quantos baques esses corpos sofrem por dia, tendo que se acostumar com situações tão absurdas, sofrendo com sentimentos de pânico e tensão. A sensibilidade realmente negada para os corpos marginalizados, negros, mestiços e favelados, tendo que sempre estarem tensos e em guarda para enfrentarem as negligências do governo brasileiro.

As propostas das atividades destinadas para jovens, entre onze e 21 anos, foram construídas por Letícia Teixeira, discípula direta de Angel Vianna, colocando

³ TETO é uma organização que atua em 19 países da América Latina, que busca superar a pobreza em que vivem milhões de pessoas nas comunidades precárias, por meio do engajamento comunitário e da mobilização de jovens voluntários e voluntárias.(TECHO, 2021)

em prática os saberes da sensibilização corporal, além de oficinas elaboradas pelos próprios estudantes/integrantes do projeto Prática de si. As propostas de sensibilização corporal, foram durante um longo período destinadas para o público da Zona Sul carioca, já que a Angel Vianna Escola e Faculdade de Dança, onde as práticas sensíveis são colocadas em prática, fica localizada em Botafogo, logo, o público é majoritariamente composto por pessoas de classe média/alta que podem pagar pelo ensino, porém, com a estadia da professora Leticia na universidade pública, observamos a democratização do conhecimento, dando lugar a popularização da pedagogia corporal sensível.

O projeto Prática de Si vem experimentando a aproximação coletiva, indo na direção oposta à dos pressupostos da distância, ou seja, das hierarquias, distribuições de papéis e das fronteiras existentes entre os territórios. Com isso busca abolir os espaços convencionais através de um novo lugar para o coletivo, ou seja, reinventando o estar com (TEIXEIRA, 2017).

Através das metodologias aplicadas por Teixeira no projeto Prática de Si, práticas colonizadoras e segregadoras vêm sendo rompidas, dando lugar a identificação de um corpo que possui particularidades, trajetórias e sensações singulares.



Figura VI: Projeto Prática de Si e ONG Apadrinhe um Sorriso, 2019

3.1 CORPO-TECIDO: CORPORIZANDO SENSAÇÕES

A dança é o campo artístico, que nos possibilita dialogar com outras linguagens artísticas, como as artes visuais. Pensar no corpo, como a dança nos incita, é indagar que o usamos para todos os fins de criação, onde a dança possui o papel importante na interdisciplinaridade do uso corporal. A oficina *Corpo-Tecido*, oferecida para os jovens da ONG Apadrinhe um Sorriso, elaborada por mim e Anne Loise, trouxe a possibilidade de se imergir no próprio corpo, de uma forma minuciosa e sensível, mostrando que é possível trabalhar de forma criativa, crítica e inovadora dentro das comunidades carentes. Ainda existe no imaginário coletivo, que não podemos introduzir trabalhos intelectualizados para pessoas pobres, deduzindo que os mesmos não serão capazes de acompanhar a proposta. O papel do trabalho corporal é exatamente o contrário, quebrando qualquer tabu limitante.

Para Pierre Bourdieu, existe o que chamamos de Capital Cultural, onde nas escolas, muitas crianças (na maioria as da elite) saem em vantagem, pelas suas grandes bagagens culturais, como ida a museus, frequência a teatros, leituras poéticas, dando o grande avanço no seu processo de desenvolvimento escolar. Bourdieu ainda afirma que o sistema escolar é levado a dar a sua sanção às desigualdades sociais. Como projetos sociais são a extensão das escolas, processos artístico-educativos, ajudam na redução da negação do capital cultural para as comunidades em vulnerabilidade. É necessário termos em mente que pessoas de favela possuem muito menos chances e possibilidades, causadas pela desigualdade gritante do nosso país, sendo o ensino da arte um grande avanço para resgatarmos sonhos deixados para trás.

A oficina *Corpo-Tecido (Figura VII)*, nasce com o objetivo de os alunos criarem esculturas com o próprio corpo, de maneira lúdica, livre e performática, montando atmosferas improvisadas e sensoriais que se encontram no acaso das emoções, tecendo processos construídos através da Metodologia Angel Vianna⁴ e do trabalho

⁴ O método Angel Vianna propõe que a consciência corporal seja conquistada em primeira instância, para que então a dança possa acontecer. Com isso acaba propondo uma disponibilidade corporal não

Estruturação do Self da artista visual Lygia Clark, correlacionado com os objetos relacionais.

Logo no final de sua carreira, entre os anos de 1977 e 1988, Lygia Clark decidiu tomar um novo rumo para as suas pesquisas artísticas, introduzindo o corpo em suas discussões criativas, visando englobar as discussões entre a arte contemporânea e a terapia, dando origem ao que ela ia chamar de Estruturação do Self. Mesmo quando ocupava espaços museais, ela já quebrava com o distanciamento entre o público e a obra, confeccionando criações, onde as mesmas, só ganhavam “vida” através da interação humana, como observamos na obra “Bichos”, esculturas dobradiças, que podiam ser montadas e desmontadas através do manuseio de outrem. Lygia, mostra a sua potência feminina, sem precisar ficar na “sombra” de um homem, rompendo com a dependência que muitas mulheres tinham na figura masculina, muito comum entre mulheres de sua época, apartando a predominância falocêntrica dentro do mundo das artes.

Em Estruturação do Self, o viver do corpo é mais importante que a visão crítica ou analítica, que às vezes está inserido no mundo das artes visuais, onde se cria um conceito, para depois criar a obra, destinando o corpo a criar sua própria teoria, resgatando o sensório de uma forma plena. Dentre todo o caminhar, desembocamos na Metodologia Angel Vianna, que possui uma relação congruente com a criação de Lygia. Gostamos de lembrar, que Angel Vianna, antes de criar sua metodologia, estudou escultura na Escola de Belas da Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais, então, suas práticas corporais, mesclada também com a interação de objetos, coloca o corpo como escultura orgânica, assim como Lygia fez em sua trajetória. Lygia e Angel são duas mulheres à frente do seu tempo, que pensam a arte de forma interdisciplinar para trabalhar com a lógica da Estruturação do Self é quebrar com as barreiras criadas entre a arte e a vida, removendo o artista da posição narcisista e egoica que ele foi colocado nos primórdios da arte clássica e que perdura até nos dias atuais.

Lygia nos faz questionar se realmente existe um artista iluminado e que nasce com o dom artístico e da perfeição, trazendo o corpo como lugar das sensações

só para o corpo que dança, que atua, que educa, mas sobretudo, para o corpo que vive (RESENDE, 2008).

imperfeitas, desmistificando o falocentrismo da criação artística. A oficina Corpo-Tecido foi sendo moldada através dos parâmetros de reflexões e através do corpo, onde o tecido vai ganhando formas irregulares, possibilitando que o público construa sua própria obra de arte. O debate da pedagogia corporal não excludente que não compactua com a padronização dos corpos é a ponte para a conscientização do movimento e a relação do corpo com objetos juntamente com a expressão das singularidades corporais como potência transgressora, ousada, artística e política vão sendo arquitetadas com o legado deixado na dança por Angel Vianna.

Corpo-Tecido envolve e acalenta os corpos que necessitam se apropriar de suas próprias linguagens, escrevendo seus próprios trajetos no espaço, colaborando com desvelhenciamentos inconscientes daquilo que já não contribui com seus novos percursos.



Figura VII: Oficina “Corpo-Tecido” (Anne Louise e Rafael Barro)

4 CONCLUSÃO

Pensar a dança, vai muito além de abordar fatos coreográficos cronometrados. Antes de tudo, é necessário questionar o corpo e toda sua formação no parâmetro ocidental em que estamos embebidos. Esse projeto não tem a finalidade de desvalorizar atos coreográficos, tão pouco desvalidar profissionais que seguem a linha mais retilínea da dança, mas sim, ampliar os questionamentos da construção corpórea. Antes de tudo, pensar na dança como um campo artístico que também atua como uma linguagem pedagógica e de reflexões profundas. Através das minhas experiências mescladas com dados científicos e históricos, a formação desse projeto foi se construindo minuciosamente e delicadamente, já que quando adentramos nos corpos marginalizados, é necessário emergir discussões que não sejam apelativas, taxativas ou pretensiosas.

O curso de Licenciatura em Dança (DAC/EEFD/UFRJ), criado em 2010, possui um curto percurso de trajetória, mas, abre inúmeras portas para pensar a dança como um campo amplo de discussões, não apenas focando no corpo individualista, que muitas vezes, o artista bailarino foi obrigado a pensar, pois antes de tudo, falamos da construção de outros corpos. É claro que nas academias de dança sem cunho acadêmico, existem professores que ensinam o ato de dançar, mas será que eles passaram pelos processos pedagógicos que os licenciados em dança percorreram? Está indagação sempre foi feita nas aulas de formação pedagógicas específicas para o curso de licenciatura em dança, causando desconforto em muitos alunos que pensavam a dança de uma forma tradicionalista.

Entro nessa questão, para mostrar a importância de uma formação em licenciatura em dança, que foi a chave importante para nesses escritos, se pensar o corpo aterrado na base decolonial, antirracista e interdisciplinar, já que a história da dança no ocidente é baseada no pensamento do corpo branco, europeu e que deseja chegar a uma forma perfeita e retílinea, desvalidando outras subjetividades corpóreas que não estejam na forma, sendo costurada ao pensamento do descarte do corpo desviante de Platão.

A criação da dança é mais pensada do que perpassa pelo campo das sensações. Ressalto mais uma vez que não quero excluir outros ensinamentos da dança, apenas quero acrescentar questionamentos mais abissais. Não podemos esquecer, que no percorrer da sua formação, o licenciado em dança, participa de disciplinas com outros cursos de licenciatura da UFRJ, logo, seu olhar e discussões, começam a ser ampliados, observando que existem realidades paralelas e divergentes, nunca se findando e discussões espelhadas. Quando se atua na escola básica ou em ONGS, o professor de dança está diante de corpos que muitas vezes sequer passaram por um trabalho de corpo, então, o seu cuidado precisa ser redobrado, e sua sensibilidade triplicada.

O corpo é o viés importante para darmos continuidade a construção de uma dança fluida e particular, mas também não podemos esquecer das emoções que ajudam na tecetude dos movimentos.

Por meio da desterritorialização no que diz respeito ao corpo, essa pesquisa visa ajudar o campo acadêmico a refletir sobre a educação corporal dentro do mundo pedagógico, já que pela falta de atenção aos sinais dos corpos, crianças e jovens tornam-se adultos inexpressivos emocionalmente e corporalmente, já que seus corpos e suas emoções não foram observados de uma forma sensível no decorrer de suas vidas, apenas sendo usados para fazer as tarefas mecânicas do dia-a-dia.

Quando não fazemos uma autoanálise, não conseguimos identificar as amarras que não deixam o mundo caminhar, já que o outro é o meu reflexo, sendo assim, as desigualdades e preconceitos só formarão bolas de neve constantes, já que não conseguimos dar atenção às mazelas do mundo que nos atingem. O outro sou eu!

A luta para legitimar a dança como campo pedagógico-artístico é a base do pensamento aqui abordado, impermeando no não óbvio, “alargando” o que entendemos sobre o ato de mover do corpo através do corpo. Mover as palavras, desmembrando o pensamento e as indagações é uma das possibilidades que a dança nos dá. A escrita criada aqui é para combater qualquer tipo de exclusão e humilhação que sempre foram praticadas aos corpos que nunca estiveram dentro da lógica sistêmica higienizante.

REFERÊNCIAS

BABIKER, Sarah. **É preciso fazer um trabalho de descolonização dos desejos: Entrevista com Suely Rolnik**. Revista IHU On-line, El Salto, Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591109-e-preciso-fazer-um-trabalho-de-descolonizacao-do-desejo-entrevista-com-suely-rolnik>> . Acesso em: 7 de Maio 2021.

BARBOSA, Drik. Camélia: **Álbum Espelho**. Gravadora Laboratório Fantasma, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/drik-barbosa/camelia/>> . Acesso em: 10 de Maio 2021

BELO HORIZONTE, Lúcia de. Amazonas, as mulheres guerreiras. **Mitologia Grega**. Belo Horizonte. 30 de junho de 2011. Disponível em <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com/2011/06/amazonas-as-mulheres-guerreiras.html>> . Acesso em 20 de abril de 2021

BOURDIER, Pierre. **A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura**. In: Escritos da Educação, Petrópolis: Vozes, 2003.

CAPISTRANO, Pablo. **Um cara chamado Aristocles**. Disponível em <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/7/49/um-cara-chamado-ariacutestocles>> Acessado em: 3 de Maio 2021.

DE ALMEIDA, EDUARDO Augusto Alves. **Aspectos da estruturação do self de Lygia Clark: Perspectivas Críticas**. Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-18122013-143444/pt-br.php>> . Acessado em: 04 de Maio 2021.

DE ALMEIDA, Tereza Virginia; DE BONFIM, Letícia. **Stela do Patrocínio e a poética da clausura**. Estudos de literatura brasileira contemporânea. N.54, p.277-275, Maio/Ago.2018.

DELEUZE & GUATTARI. **Como criar para si um corpo sem órgãos**. In Mil Platôs. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alli. São Paulo: Ed. 34, 2008.

DOS SANTOS, Vivian Matias. **Notas desobedientes: Decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência**. Psicol. Soc. vol.30, Belo Horizonte ,2018 Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100242> Acesso em: 7 de Março 2021.

FABIÃO, Eleonora. Performance e precariedade. In: OLIVEIRA JÚNIOR, Antônio Wellington de (Org.). **A performance ensaiada: Ensaios sobre performance contemporânea**. Fortaleza: Expressão Gráfica e EDITORA, 2011.

FEIJÓ, Márcia. **Corpo e dança: Angel Vianna e manutenção da sensibilidade.** Revista Artes de Educar, v.6, n.1. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/45870>> . Acesso em: 04 de Maio 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GALLA, Luciano; MACHADO, Ricardo. **Para transcender a colonialidade.** Revista do Instituto Humanitas Unisinos, edição 431, 04 Novembro 2013. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5258-luciana-ballestrin>> Acesso em: 7 Março 2021.

GONÇALVES, Juliana. **O que afasta crianças e adolescentes negros da escola?** Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-que-afasta-criancas-e-adolescentes-negros-da-escola/>> Acesso em: 7 de Março 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano.** Tradução de Jess Oliveira. Editora Cobogó: Rio de Janeiro, 2019.

KOSLINSKI, Mariane Campelo; ALVES, Fátima. **Novos olhares para as desigualdades de oportunidades educacionais: A segregação residencial e a relação favela asfalto no contexto carioca.** Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 805-831, Jul.-Set. 2012.

MAINRIQUE, Igor das Mercês. **Karl Popper e a teoria dos mundos de Platão.** Revista Eletrônica Print by UFSJ (<http://www.funrei.br/publicações/>) . São João del-Rei, n. 5, p.7-17, jul. 2003. Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistametanoia/numero5/igor.pdf>> Acessado em 03 de Maio de 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Notas estratégicas aos usos políticos do conceito de lugar de fala.** Disponível em: <<https://www.buala.org/pt/corpo/notas-estrategicas-quanto-aos-usos-politicos-do-conceito-de-lugar-de-fala>> , Acesso em: 10 de Julho 2020.

PALHARES, Isabela. **Negros são 71,7% dos jovens que abandonam a escola no Brasil.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/negros-sao-717-dos-jovens-que-abandonam-a-escola-no-brasil.shtml>> . Acesso em: 7 de Março 2021.

PATROCINIO, Stela (2009). **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome.** Rio de Janeiro: Azougue.

PATTO, Maria Helena Souza. **Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres.** *Estud. av.*, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 167-198, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141999000100017&lng=en&nrm=iso> . Acesso em: 7 de Novembro 2020

RESENDE, Catarina. **O que pode um corpo? O método Angel Vianna de conscientização do movimento como um instrumento terapêutico** . Physis, vol.18, nº3, Rio de Janeiro, Setembro 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312008000300011> . Acesso em: 7 Março 2021

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Editora Letramento: Belo Horizonte - MG, 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo.** Editora Estação Liberdade, 1989.

TECHO. **TETO**. 2021. Disponível em <<https://www.techo.org/brasil/teto>> /. Acesso em 10 de maio de 2021

TEIXEIRA, Leticia. **A arte de aprender a estar consigo para estar com os outros.** Seminário Internacional TRANS-INCORPORADOS: tradução, remixação e disseminação. Série Trans-In-Corporados 2017, Vol 2, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://proceedings.science/trans-in-corporados-2017/papers/a-arte-de-aprender-a-estar-consigo-para-estar-com-os-outros>> . Acesso em: 7 de Março 2021.

TORRALBA, Ruth; BARRETO, Hilton. **Sobre Cisnes: Dramaturgia e crítica.** Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2019.

ZACHARIAS, Anna Carolina Vicentini. **Stella do Patrocínio, ou o retorno de quem sempre esteve aqui.** Revista Cult, 22 de Setembro de 2020. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/stella-do-patrocinio-retorno-sempre-esteve-aqui/>> . Acesso em: 5 de Maio 2021.